

jogo de mãos

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*PARA BRUCE, DAN E JASON,
a magia na minha vida*

PRIMEIRA PARTE

*Oh, admirável mundo novo,
Que tais gentes possuiis!*
— WILLIAM SHAKESPEARE

PRÓLOGO

A Mulher Desaparece. Era uma ilusão antiga, com um toque moderno, e nunca deixava de surpreender a assistência. O público cintilante no Radio City estava tão ansioso por ser iludido como um grupo de campônios boquiabertos num espetáculo de cães e póneis.

Enquanto subia para o pedestal de vidro, Roxanne conseguia sentir a expectativa das pessoas; a inquietação, que era uma mistura de esperança e dúvida unidas com admiração. Os que se ajeitavam no assento para ver melhor iam desde presidente a pau para toda a obra.

A magia tornava todos iguais.

Max tinha dito isso, recordou ela. Muitas, muitas vezes.

Entre o redemoinho de fumo e o clarão da luz, o pedestal subia lentamente, rodando magicamente ao som de *Rhapsody in Blue* de Gershwin. A suave rotação de trezentos e sessenta graus mostrava à assistência todos os lados do pedestal transparente e a mulher esbelta suportada por ele, e desviava a sua atenção do truque em curso.

Tinham ensinado a Roxanne que a representação era muitas vezes a pequena diferença entre um charlatão e um artista.

Em concordância com o tema da música, Roxanne usava um cintilante vestido azul-escuro que se ajustava à sua forma alongada e esbelta — ajustava-se de tal maneira que ninguém que a estivesse a observar acreditaria que existisse alguma coisa para além da sua pele sob a seda coberta de lantejoulas. O cabelo, uma cascata de caracóis cor de fogo até à cintura, tremeluzia com milhares de minúsculas estrelas iridescentes.

Fogo e gelo. Já vários homens se tinham perguntado como é que uma mulher podia ser ambos ao mesmo tempo.

Como que a dormir ou em transe, os olhos dela fecharam-se — ou assim parecia — e o rosto elegante voltou-se para o teto salpicado de estrelas.

Enquanto subia, oscilava os braços ao som da música, levantando-os depois bem acima da cabeça para o espetáculo e pela necessidade prática que sublinha toda a magia.

Ela sabia que era uma bela ilusão. O fumo, as luzes, a música, a mulher.

Ela gostava da pura dramatização do número, e não deixava de se divertir com a ironia de usar o ancestral símbolo da mulher encantadora e solitária colocada num pedestal, acima das preocupações dos comuns mortais.

Mas era também uma tarefa bastante complexa, que exigia um grande controlo físico e sincronização à fração de segundo. Mas nem mesmo aqueles suficientemente afortunados para se sentarem na primeira fila conseguiam detetar a intensa concentração no seu rosto sereno. Nenhum deles podia saber o número de horas enfadonhas que ela dedicara, aperfeiçoando em papel todos os pormenores da representação e depois a ensaiar.

Lentamente, uma vez mais ao som de Gershwin, o seu corpo começou a rodar, a inclinar, a oscilar. Uma dança sem par a três metros de altura, só cor e movimento fluido. Ouviam-se uns sussurros entre a assistência e alguns aplausos dispersos.

Viam-na; sim, podiam vê-la através do fumo tingido de azul e das luzes giratórias. A cintilação do vestido escuro, a ondulação do cabelo cor de fogo, o brilho daquela pele de alabastro.

Então, de repente, já não a viam. Desaparecera num abrir e fechar de olhos. No seu lugar estava um belo tigre-de-bengala que se empinou nas patas traseiras e rugiu.

Seguiu-se uma pausa, a mais satisfatória das pausas para um artista, em que a assistência susteve coletivamente a respiração antes da explosão de aplausos que ecoava enquanto o pedestal descia novamente. O grande felino saltou para o palco, caminhou majestosamente até uma caixa de ébano e emitiu outro rugido que provocou um riso nervoso numa mulher que estava sentada na primeira fila. Os quatro lados da caixa caíram em simultâneo.

E lá estava Roxanne, não vestida de azul cintilante mas num fato justo prateado. Fez as vénias como lhe tinham ensinado quase desde que nascera. Com um floreio.

Com o som do sucesso ainda a ressoar nos ouvidos, montou no tigre e conduziu o animal para fora do palco.

— Bom trabalho, *Óscar*. — Com um pequeno suspiro, dobrou-se para çoçar o felino entre as orelhas.

— Estavas muito bonita, *Roxy*. — O seu assistente corpulento prendeu uma trela à coleira coberta de lantejoulas de *Óscar*.

— Obrigada, *Mouse*. — Roxanne desceu do tigre e atirou o cabelo para trás. A área dos bastidores já pululava. Os incumbidos da tarefa guardariam o seu equipamento e protegê-lo-iam dos olhares indiscretos. Como ela tinha

marcado uma conferência de imprensa para o dia seguinte, não iria receber nenhum repórter naquele momento. Roxanne desejava ardentemente uma garrafa de champanhe gelado e tomar um banho quente e relaxante.

Sozinha.

Esfregou distraidamente as mãos; um velho hábito que Mouse lhe poderia ter dito que herdara do pai.

— Estou com bichos-carpinteiros — disse ela com uma meia gargalhada. — Tenho estado assim a noite toda. Parece que sinto alguém a vigiar-me.

— Bem... — Mouse manteve-se onde estava, deixando *Óscar* roçar-se nos seus joelhos. Nunca eloquente na melhor das circunstâncias, Mouse tentou arranjar a melhor forma de expressar a novidade: — Tens companhia, Roxy. No camarim.

— O quê? — Franziu o sobrolho. — Quem?

— Faz mais uma vénia, querida! — Lily, a assistente de palco de Roxanne, e sua segunda mãe, agarrou-lhe no braço. — Deitaste a casa abaixo! — Passou um lenço sob as pestanas postiças que usava em palco e fora dele. — O Max ia ficar tão orgulhoso!

O rápido nó que sentiu no estômago fez Roxanne conter as suas próprias lágrimas. Não as mostrou. Nunca as mostrava em público. Avançou para o meio dos aplausos. — Quem é que está à minha espera? — gritou por cima do ombro, mas Mouse já se estava a afastar com o tigre.

O mestre tinha-lhe ensinado que a sobrevivência dependia bastante da discrição.

Dez minutos depois, afogueada com o sucesso, Roxanne abriu a porta do camarim. O aroma foi o que a atingiu primeiro: rosas e maquilhagem. Aquela mistura de fragrâncias tornara-se tão familiar que ela a inspirava como se fosse ar puro. Mas havia ali mais um odor — um pungente odor a tabaco. Elegante, exótico, francês. A mão tremia sobre a maçaneta quando ela abriu a porta.

Havia um homem que ela associaria para sempre àquele aroma. Um homem que ela sabia que fumava habitualmente charutos franceses.

Não disse nada quando o viu. Não conseguiu dizer nada quando ele se levantou da cadeira onde tinha estado a desfrutar do seu charuto e do champanhe dela. Oh, Deus, era excitante e horrível ver aquela boca maravilhosa fazer aquele sorriso familiar, fitar aqueles olhos incrivelmente azuis.

O cabelo ainda estava comprido, uma juba negra emoldurando-lhe o rosto. Já em criança, ele era lindo, um cigano elegante com olhos que podiam gelar ou queimar. A idade só melhorara a sua aparência, aprimorando aquela

cara irresistível, os ossos longos e a ligeira cova no queixo. Além do físico, havia um dramatismo que o envolvia como uma aura.

Era um homem que fazia estremecer as mulheres, e que todas queriam.

Já acontecera com ela. Oh, sim.

Tinham passado cinco anos desde que vira pela última vez aquele sorriso, desde que percorrera as mãos por aquele cabelo espesso ou que sentira o prazer escaldante daquela boca hábil. Cinco anos para se lamentar, para chorar e para odiar.

Porque não estava ele morto?, indagou-se enquanto se obrigava a fechar a porta atrás de si. Porque é que não tivera a decência de sucumbir a qualquer uma das variadas e horríveis tragédias que imaginara para ele?

E o que é que ia ela fazer com aquele terrível desejo que sentia só de olhar para ele outra vez?

— Roxanne. — A prática manteve a voz de Luke firme ao proferir o nome dela. Ele seguira-a ao longo dos anos. Naquela noite estudara todos os seus movimentos, escondido nos bastidores. Avaliando, ponderando. Desejando. Mas naquele momento, cara a cara, ela era quase demasiado bela para suportar. — Foi um bom espetáculo. O final foi espetacular.

— Obrigada.

A mão dele estava segura quando lhe serviu uma taça de champanhe, assim como a dela quando a recebeu. Afinal, eram artistas, talhados de um modo estranho a partir do mesmo molde. O molde de Max.

— Lamento muito por Max.

O olhar dela ficou inexpressivo. — Lamentas?

Como Luke achava que merecia mais do que o golpe de sarcasmo, anuiu simplesmente com a cabeça e depois olhou para o vinho borbulhante, recordando. A boca esboçou um sorriso quando olhou novamente para ela. — O assalto em Calais, os rubis. Foste tu?

Ela bebericou o champanhe, e a prata cintilou nos ombros quando ela os encolheu. — Claro.

— Ah. — Luke acenou novamente com a cabeça, satisfeito. Ele tinha de ter a certeza de que ela não perdera o jeito: para a magia ou para o furto. — Ouvi dizer que desapareceu de um cofre londrino uma primeira edição do *House of Usher* de Poe.

— Sempre tiveste bom ouvido, Callahan.

Ele continuou a sorrir, interrogando-se quando é que ela teria aprendido a exsudar sexo como suor. Ele recordava-se da criança esperta, da adolescente impetuosa e da flor irresistível de jovem mulher. A flor desabrochara

sedutoramente. E ele podia sentir a atração que sempre existira entre os dois. Usá-la-ia agora, com pena, mas utilizá-la-ia para alcançar os seus objetivos.

O fim justifica tudo. Outra das máximas de Maximillian Nouvelle.

— Tenho uma proposta para te fazer, Rox.

— A sério? — Roxanne bebeu um último gole de champanhe antes de pousar o copo. As bolhinhas eram amargas na sua língua.

— Um negócio — disse ele, sacudindo a cinza do charuto. Pegando na mão dela, levou os dedos aos lábios. — Pessoal. Senti a tua falta, Roxanne. — Era a afirmação mais verdadeira que ele podia fazer. Um lampejo de sinceridade genuína em anos de truques, ilusões e fingimento. Tomado pelas próprias emoções, não reparou no brilho de advertência nos olhos dela.

— Ai sim, Luke? Sentiste mesmo?

— Mais do que consigo expressar. — Cheio de lembranças e carências, puxou-a mais para si e sentiu o sangue começar a pulsar quando o corpo dela roçou no seu. Ela sempre fora a mulher certa. Independentemente de quantas escapadelas ele tivesse dado, nunca conseguira libertar-se da armadilha em que Roxanne Nouvelle o apanhara. — Vem comigo para o hotel — murmurou ele quando ela amoleceu nos seus braços. — Para tomarmos uma ceia e conversarmos.

— Conversar? — Os braços dela envolveram-no sinuosamente. Os anéis brilharam quando ela mergulhou os dedos no cabelo dele. Ao lado deles, o espelho da mesa de toucador refletia-os em triplicado. Como se lhes mostrasse o passado, o presente e o futuro. Quando ela falou, a sua voz era profunda e misteriosa: — É isso que queres fazer comigo, Luke?

Ele esqueceu a importância do controlo, esqueceu-se de tudo exceto do facto de a boca dela estar a poucos milímetros da sua. O sabor com que ele se deliciara em tempos estava à distância de um desejo. — Não.

Baixou a cabeça em direção à dela, e logo em seguida emitiu um gemido quando o joelho dela o atingiu entre as pernas. Quando estava a começar a dobrar-se para a frente, ela deu-lhe um soco em cheio no queixo.

O grunhido de surpresa que Luke emitiu e o estilhaçamento da madeira da mesa que ele esmagou ao cair deram enorme satisfação a Roxanne. Rosas pelos ares, água espalhada. Alguns botões caíram sobre ele quando se estatelou sobre o tapete molhado.

— Tu... — Fuzilando-a com o olhar, Luke tirou uma rosa do cabelo. A fedelha sempre fora traíçoeira, recordou ele. — És mais rápida do que costumavas ser, Rox.

De mãos nas ancas, ela pôs-se sobre ele, uma guerreira esbelta e prateada

que nunca aprendera a saborear a sua vingança fria. — Sou muitas coisas que não costumava ser. — Os nós dos dedos pareciam queimar, mas ela usou essa dor para bloquear uma outra mais profunda. — Agora, mentiroso irlandês duma figa, rasteja de volta para o buraco que escavaste para ti há cinco anos. Aproxima-te outra vez de mim, e juro que te faço desaparecer para sempre!

Encantada com o remate, deu meia-volta e soltou um guincho quando Luke lhe agarrou o tornozelo. Roxanne caiu com força sobre o traseiro e, antes que conseguisse contra-atacar, ele prendeu-a. Ela já se esquecera do quão forte e rápido ele era.

Um erro de cálculo, teria dito Max. E os erros de cálculo eram a raiz de todos os fracassos.

— Ok, Rox, podemos conversar aqui. — Embora ele estivesse sem fôlego e ainda com dores, esboçou um sorriso. — A escolha é tua.

— Vejo-te no Inferno...

— Muito provavelmente. — O sorriso desvaneceu. — Raios, Roxy, nunca consegui resistir-te! — Quando cobriu a boca dela com a sua, transportou ambos de volta ao passado.

1.

1973, perto de Portland, Maine

— **D**epressa, depressa, subam! Deixem-se encantar, deixem-se espantar! Vejam o Grande Nouvelle desafiar as leis da Natureza! Apenas por um pequeno dólar, vejam-no fazer cartas dançar no ar. Perante os vossos olhos, mesmo em frente aos vossos olhares perplexos, vejam uma linda mulher ser cortada ao meio!

Enquanto o apregoador proferia o seu discurso, Luke Callahan movia-se rapidamente por entre a multidão da feira roubando carteiras. Tinha mãos rápidas, dedos ágeis e aquela característica mais importante de um ladrão de sucesso: uma completa falta de consciência.

Tinha doze anos.

Há quase seis semanas que andava em viagem, em fuga. Luke tinha grandes planos para rumar em direção a sul antes que o tórrido verão de Nova Inglaterra se transformasse num gélido inverno de Nova Inglaterra.

Não ia chegar longe com roubos daquele tipo, pensou, retirando um maço de notas do bolso das calças de ganga. Não havia muita gente que tivesse ido ali para andar na Montanha-Russa ou desafiar a Roda da Fortuna e que levasse mais do que alguns dólares amarrotados.

Agora, quando chegasse a Miami, as coisas seriam diferentes. Nas sombras por detrás da barraquinha de tiro ao alvo, desfez-se da carteira de couro falso e contou a receita da noite.

Vinte e oito dólares. Patético.

Mas em Miami, aquela terra de sol, diversão e grandes apostas, ele ia limpar a casa. Só tinha primeiro de chegar lá, e até àquele momento já conseguira rapinar quase duzentos dólares. Mais um pouco e poderia fazer pelo menos parte do caminho de autocarro. Era isso que ia fazer, pensou, esboçando um rápido sorriso. E faria uma pausa nas boleias com *hippies* pedrados e pervertidos de mãos gordas.

Um fugitivo não podia ser esquisito em relação ao meio de transporte. Luke estava bem ciente de que uma boleia dada por um cidadão íntegro podia conduzir a uma denúncia na polícia ou — quase igualmente mau — a um sermão sobre os perigos que corre um rapazinho que foge de casa.

Não servia de nada dizer a quem quer que fosse que a casa era muito mais perigosa do que os perigos da estrada.

Depois de retirar duas notas de dólar, Luke enfiou as restantes nas botas desgastadas. Precisava de comida. O cheiro a manteiga quente andava a tentar-lhe o estômago há quase uma hora. Iria regalar-se com um hambúrguer bem passado e batatas fritas, e empurrar tudo com limonada fresca.

Tal como a maioria dos miúdos de doze anos, Luke gostaria de ter andado na Montanha-Russa, mas abafou esse desejo com um sorriso escarninho. Os pacóvios achavam que estavam a viver uma aventura, meditou com a boca amarga. Mas naquela noite estariam enfiados nas suas camas enquanto ele estaria a dormir sob as estrelas e, quando acordassem, a mamã e o papá dir-lhes-iam o que fazer e como fazer.

Nunca mais ninguém lhe daria ordens.

Sentindo-se superior em todos os aspetos, enfiou os polegares nos bolsos da frente das calças e caminhou de ar empertigado em direção às barraquinhas de comida.

Passou outra vez pelo cartaz: a impressionante fotografia do mágico. O Grande Nouvelle, com os seus longos cabelos negros, bigode comprido e olhos escuros hipnóticos. Sempre que Luke olhava para o póster, sentia-se atraído para algo que não conseguia entender.

Os olhos na imagem pareciam olhar diretamente para ele, como se conseguissem ver e compreender muito sobre Luke Callahan, ultimamente residente em Bangor, Maine, via Burlington e Utica, e só Deus sabia por onde porque Luke já se tinha esquecido.

Ele quase esperava que a boca pintada falasse e que a mão que segurava no leque de cartas se projetasse, o agarrasse pelo pescoço e o puxasse para dentro do cartaz. Então ele ficaria lá preso para sempre, batendo do outro lado daquele cartaz da mesma forma que batera em tantas portas trancadas da sua infância.

Como a ideia o deixou nervoso, Luke contraiu os lábios. — A magia é uma treta — disse ele num sussurro. E o seu coração bateu com força quando ele fitou a cara pintada para a desafiar. — Grande coisa — continuou, ganhando confiança. — Tirar coelhos estúpidos de chapéus estúpidos e fazer meia dúzia de truques idiotas com cartas!

Ele desejava mais ver aqueles truques idiotas do que andar na Montanha-Russa. Mais até do que atafulhar a boca de batatas fritas cheias de *ketchup*. Luke hesitou, mexendo num dos dólares que tinha no bolso.

Decidiu que valia um dólar provar a si próprio que o mágico não era

nada de especial. Valeria um dólar sentar-se. No escuro haveria com certeza alguns bolsos em que fosse capaz de enfiar os seus dedos ágeis, pensou enquanto tirava a nota amarfanhada e pagava a entrada.

A pesada cortina de lona fechou-se atrás dele, tapando a maior parte da luminosidade e ar exteriores. As pessoas já estavam concentradas nos assentos baixos de madeira, murmurando, ajeitando-se e abanando leques de papel para tentar aliviar o calor sufocante.

Ele manteve-se por um momento na parte de trás a observar. Com um instinto que se tornara aguçado como uma navalha de mola nas últimas seis semanas, ignorou um grupo de miúdos, eliminou alguns casais que lhe pareceram demasiado pobres para lhe render mais do que o que pagara pela entrada e escolheu cuidadosamente os alvos. A situação exigia que ele olhasse para mulheres, já que a maioria dos homens estaria sentada sobre o seu dinheiro.

— Desculpe — disse ele, educado como um escuteiro, enquanto se enfiava atrás de uma avozinha que parecia distraída com os disparates do miúdo e da miúda que estavam ao seu lado.

Quando acabou de se instalar, o Grande Nouvelle apareceu em palco. Estava vestido com o equipamento formal completo. O *smoking* preto e a camisa branca engomada pareciam exóticos dentro da tenda abafadiça. Os sapatos reluziam com verniz. No dedo mindinho da mão esquerda usava um anel de ouro com uma pedra negra que cintilava sob as luzes do palco.

A impressão de grandiosidade foi sentida no momento em que ele olhou para a assistência.

O mágico não disse nada, contudo, a tenda encheu-se com a sua presença. Ele era tão dramático como o seu cartaz, embora o cabelo negro estivesse salpicado de brilhos prateados. O Grande Nouvelle levantou as mãos e virou as palmas para a assistência. Com um rápido movimento de pulso, os dedos afastados e vazios fizeram aparecer uma moeda. Outro movimento rápido, outra moeda, e mais outra, até todos os amplos espaços interdigitais estarem preenchidos com o brilho do ouro.

A atenção de Luke foi suficientemente captada para ele se inclinar para a frente e semicerrar os olhos. Ele queria saber como é que se fazia aquilo. Era um truque, claro. Ele sabia demasiado bem que o mundo estava cheio deles. Já parara de se questionar porquê, mas não parara de se perguntar como.

As moedas transformaram-se em bolas coloridas que mudavam de tamanho e tom. Multiplicavam-se, subtraíam-se, apareciam e desapareciam enquanto o público aplaudia.

Desviar os olhos do espetáculo foi difícil. Roubar seis dólares da carteira da avozinha foi fácil. Depois de guardar o dinheiro, Luke saiu do lugar onde estava para se posicionar atrás de uma loura cuja mala de palha estava descuidadamente pousada no chão.

Enquanto o espetáculo de magia aquecia a assistência, Luke enfiou mais quatro dólares no bolso. Mas estava constantemente a perder a concentração. Dizendo para si mesmo que esperaria mais um pouco até se voltar para a senhora anafada que estava à sua direita, parou para assistir.

Durante os momentos seguintes, Luke foi apenas uma criança, os seus olhos arregalados de espanto enquanto o mágico abria as cartas em leque e passava uma mão por cima e a outra por baixo fazendo com que o baralho ficasse suspenso no ar. Com um elegante movimento de mãos, as cartas baloiçaram, desceram e voltaram-se. O público aplaudiu entusiasticamente, completamente absorto no espetáculo. E Luke perdeu a oportunidade de limpar a casa.

— Tu aí. — A voz de Nouvelle ressoava. Luke ficou petrificado ao sentir aqueles olhos escuros fitarem-no. — Pareces-me um rapazinho que promete. Preciso de um rapaz esperto... — Os olhos cintilavam. — De um rapaz honesto para me ajudar no próximo truque. Aqui em cima. — Nouvelle agarrou de novo nas cartas flutuantes e apontou.

— Vai, miúdo. Vai! — Luke sentiu um cotovelo enfiar-se-lhe nas costelas.

Corando até à raiz dos cabelos, Luke levantou-se. Ele sabia que era perigoso chamar a atenção das pessoas. Chamaria ainda mais se recusasse.

— Escolhe uma carta — disse Nouvelle quando Luke subiu para o palco. — Uma qualquer.

Abriu-as de novo em leque, voltando-as para a assistência para que todos vissem que se tratava de um baralho de cartas comum. Baralhou-as então, rápida e habilmente, e depois espalhou-as sobre uma mesinha.

— Qualquer uma — repetiu ele. E Luke franziu o sobrolho em concentração enquanto escolhia uma do monte. — Volta-te para a nossa graciosa assistência — instruiu Nouvelle. — Vira a carta por forma a que todos a consigam ver. Bom, excelente. Tens jeito.

Rindo-se por entre dentes, Nouvelle pegou nas cartas restantes e manipulou novamente o baralho com os seus dedos longos e destros. — Agora... — De olhos postos em Luke, estendeu o baralho. — Enfia-a aqui num sítio qualquer. Excelente. — Tinha um sorriso nos lábios quando ofereceu o baralho ao rapaz. — Baralha-as como quiseres. — O olhar de Nouvelle manteve-se fixo em Luke enquanto este misturava as cartas. — Agora. — Nouvelle

pousou uma mão no ombro de Luke. — Em cima da mesa, por favor. Queres parti-lo, ou parto eu?

— Eu parto. — Luke pôs as mãos sobre as cartas, certo de que não poderia ser enganado. Não quando estava tão perto.

— A tua carta é a de cima?

Luke voltou-a para cima e sorriu. — Não.

Nouvelle fez uma expressão de espanto enquanto o público dava risadinhas. — Não? Talvez a última?

Divertido, Luke voltou o baralho ao contrário e mostrou a carta. — Não. Acho que o senhor fez asneira!

— Estranho. Realmente muito estranho — murmurou Nouvelle, batucando com um dedo no bigode. — És um rapazinho mais esperto do que eu imaginava. Parece que me conseguiste enganar. A carta que escolheste não está sequer no baralho. Porque está... — Estalou os dedos, girou o pulso e fez surgir o oito de copas do nada. — Aqui.

Enquanto Luke olhava boquiaberto, a assistência explodiu num aplauso apreciativo. Sob o barulho dos aplausos, Nouvelle falou baixinho: — Vem ter comigo aos bastidores quando terminar o espetáculo.

E foi só. Dando um ligeiro empurrão a Luke, Nouvelle mandou-o de novo para o seu lugar.

Durante os vinte minutos seguintes, Luke só prestou atenção à magia. Observou atentamente a menina ruiva a dançar pelo palco num fato de malha justo coberto de lantejoulas. Sorriu quando ela entrou para um chapéu de tamanho exagerado e se transformou num coelho branco. Sentiu-se adulto e divertido quando a menina e o mágico encenaram uma rábula engraçada sobre a hora de ela ir para a cama. A menina lançou os cabelos ruivos encaracolados para trás e bateu com os pés no chão. Com um suspiro, Nouvelle cobriu-a com uma capa negra e bateu três vezes com a varinha mágica. A capa deslizou para o chão e a menina desapareceu.

— Um pai tem de ser firme — disse Nouvelle com ar sério.

Para concluir, Nouvelle serrou ao meio uma loura cheia de curvas num fato de malha minúsculo. As curvas e o fato tinham arrancado muitos assobios e aplausos.

Um entusiasta de camisa às cornucópias e calças de ganga com boca de sino levantou-se de um salto, gritando: — Nouvelle! Se já terminaste com a rapariga, eu fico com qualquer uma das metades!

As duas metades da mulher foram separadas. De acordo com as instruções de Nouvelle, ela mexeu os dedos das mãos e dos pés. Quando as duas

metades da caixa foram novamente unidas, Nouvelle retirou as divisórias de aço, abanou a varinha mágica e abriu a tampa.

Magicamente refeita, a mulher saiu para o meio de um aplauso estrondoso.

Luke esquecera-se completamente da carteira da senhora obesa, mas decidiu que valera a pena.

Enquanto o público formava fila para andar na Montanha-Russa ou passar-se com o Encantador de Serpentes, Luke deslizou em direção ao palco. Pensou que, como fora uma espécie de assistente num truque de cartas, talvez Nouvelle lhe quisesse mostrar como se fazia.

— Miúdo.

Luke olhou para cima. Da sua posição estratégica, o homem parecia um gigante. Um metro e noventa e mais de cem quilos de musculatura compacta. O rosto perfeitamente barbeado era tão amplo como um prato de jantar, os olhos como duas uvas passas ligeiramente estrábicos. Tinha um cigarro sem filtro enfiado na boca.

No que respeitava à fealdade, não faltava nada a Herbert Mouse Patrinski.

Luke assumiu instintivamente uma pose defensiva: queixo projetado para a frente, ombros encolhidos, pernas afastadas. — O que é?

Em resposta, Mouse abanou a cabeça e afastou-se pesadamente. Luke ponderou menos de dez segundos e depois seguiu-o.

O aparatoso *glamour* da feira desapareceu assim que atravessaram a relva pisada e amarelecida em direção ao amontoado de caravanas e camiões.

A caravana de Nouvelle parecia um cavalo puro-sangue num campo de pilecas. Era comprida e elegante, a sua pintura negra reluzindo ao luar. Letras prateadas de lado anunciavam O GRANDE NOUVELLE, ILUSIONISTA EXTRAORDINÁRIO.

Mouse bateu uma vez na porta antes de a abrir. Quando entrou atrás de Mouse, Luke sentiu um aroma que lhe fez lembrar, estranha e confortavelmente, a igreja.

O Grande Nouvelle já tinha despedido o *smoking* e estava, de roupão de seda preto, recostado no estreito sofá embutido. Finas colunas de fumo ascendiam preguiçosamente de meia dúzia de cones de incenso. Música de cítara tocava baixinho enquanto Nouvelle fazia rodopiar dois dedos de *brandy*.

Luke enfiou as mãos subitamente nervosas nos bolsos e olhou em redor. Sabia que tinha acabado de entrar numa caravana mas sentia uma forte impressão de estar num qualquer lugar exótico. Os aromas, claro, e as cores das almofadas sumptuosas e vívidas amontoadas aqui e ali, os pequenos tapetes

ricamente entrançados espalhados pelo chão, os cortinados de seda que cobriam as janelas, o misterioso movimento da luz das velas. E, claro está, o próprio Maximillian Nouvelle.

— Ah. — Max fez um brinde ao rapaz com um sorriso divertido meio escondido pelo bigode. — Que bom teres decidido vir ter comigo.

Para mostrar que não estava impressionado, Luke encolheu os ombros ossudos. — Foi um espetáculo bastante razoável.

— Agradeço o elogio — disse Max secamente, fazendo sinal para Luke se sentar. — Tem algum interesse por magia, senhor...?

— Chamo-me Luke Callahan. Achei que valia a pena gastar um dólar para ver alguns truques.

— Uma quantia generosa, concordo. — Lentamente, de olhos postos em Luke, Max bebericou o *brandy*. — Mas um bom investimento, não?

— Investimento? — Sentindo-se desconfortável, Luke desviou o olhar para Mouse que parecia estar a bloquear a porta.

— Saíste com mais dólares do que entraste. Poderíamos dizer que tiveste um retorno elevado.

Luke resistiu com dificuldade à vontade de se contorcer e fitou Max diretamente nos olhos. *Bem conseguido*, pensou Max. *Bastante bem conseguido*.

— Não sei do que é que está a falar. Tenho de me ir embora.

— Senta-te. — Max proferiu a palavra e levantou um dedo. Luke ficou tenso, mas sentou-se. — Sabe, Sr. Callahan, ou posso tratar-te por Luke? Um bom nome. De Lucius, palavra que em latim significa luz. — Riu-se por entre dentes e bebericou mais um pouco. — Mas estou a divagar. Sabes, Luke, enquanto estavas a observar-me, eu estava a observar-te. Não seria correto da minha parte perguntar-te quanto conseguiste, mas apontaria para uns oito a dez dólares. — Sorriu de modo encantador. — Nada mau para quem gastou apenas um.

Luke semicerrou os olhos. Um fio de suor começou a escorrer-lhe pelas costas abaixo. — Está a chamar-me ladrão?

— Não se isso te ofende. Afinal, és meu convidado. E eu estou a ser um anfitrião negligente. O que desejas beber?

— O que é que quer de mim?

— Bem, já chegamos lá. Mas tudo a seu tempo, como costumo dizer. Conheço o apetite de um jovem, pois também já o fui. — E aquele jovem era tão magro que Max quase conseguia contar as costelas sob a *t-shirt* suja. — Mouse, acho que o nosso convidado iria gostar de um hambúrguer ou dois, com todos os acompanhamentos.

— OK.

Max levantou-se assim que Mouse saiu. — Um refresco? — ofereceu, abrindo o pequeno frigorífico. Ele não precisava de ver para saber que o rapaz estava a olhar para a porta. — Podes fugir, claro — disse ele num tom descontraído enquanto tirava uma garrafa de *Pepsi*. — Duvido que o dinheiro que tens enfiado no sapato direito te impeça de correr. Ou podes relaxar e desfrutar de uma refeição civilizada e de um pouco de conversa.

Luke pensou em sair rapidamente. O seu estômago roncava. Arriscando, aproximou-se mais um pouco da porta. — O que é que o senhor quer?

— A tua companhia — disse Max enquanto vertia *Pepsi* sobre cubos de gelo. Ergueu ligeiramente a sobrancelha ao ver o brilho rapidamente reprimido nos olhos de Luke. Então tinha sido assim tão mau, pensou enquanto esboçava um sorriso. Na esperança de fazer o rapaz perceber que estava a salvo desse tipo de ameaça, Max chamou Lily.

Ela atravessou uma cortina de seda carmesim. Tal como Max, também estava de roupão. O dela era rosa-claro ornamentado com penas fúcsia, como as chinelas de salto alto que tinha nos pés. Passou por cima dos tapetes espalhados, envolta numa nuvem de *Chanel*.

— Temos companhia. — Ela tinha uma voz esganiçada que parecia estar presa num risinho perpétuo.

— Sim. Lily, minha querida. — Max pegou-lhe na mão e levou-a aos lábios. — Apresento-te Luke Callahan. Luke, a minha preciosa assistente e adorada companheira, Lily Bates.

Luke engoliu em seco. Nunca vira nada como ela. Era toda curvas e perfume, os olhos e a boca exoticamente pintados. Ela sorriu, agitando pestanas incrivelmente compridas. — Prazer em conhecer-te — disse ela, aconchegando-se mais em Max quando ele lhe pôs um braço em volta da cintura.

— Iguamente.

— O Luke e eu temos alguns assuntos a discutir. Não queria que ficasses acordada à minha espera.

— Não me importo.

Ele beijou-a ao de leve, mas com uma ternura tal que Luke ruboresceu antes de desviar o olhar. — *Je t'aime, ma belle*.

— Oh, Max... — Aquela coisa do francês excitava-a sempre.

— Vai dormir — murmurou ele.

— Está bem. — Mas os olhos dela disseram-lhe, claramente, que ela ia esperar. — Foi um gosto conhecer-te, Luke.

— Uma mulher maravilhosa — comentou Max enquanto oferecia a Luke

o copo de *Pepsi*. — A Roxanne e eu estaríamos bastante perdidos sem ela. Não é, *ma petite*?

— Papá. — Um pouco atrapalhada, Roxanne rastejou por baixo da cortina e depois levantou-se. — Eu estava tão quieta que nem a Lily me viu.

— Ah, mas eu detetei-te. — Sorrindo para ela, batucou com um dedo no nariz. — O teu champô. O teu sabonete. Os lápis com que tens estado a desenhar.

Roxanne fez uma careta e avançou de pés descalços. — Tu sabes sempre.

— E sempre saberei quando a minha menina está por perto. — Levantou-a e apoiou-a na anca.

Luke reconheceu a menina do número, embora ela já estivesse vestida com uma longa camisa de dormir. Tinha um cabelo cor de fogo cheio de caracóis que lhe chegava à cintura. Enquanto Luke tomava a sua bebida, ela pôs um braço à volta do pescoço do pai e observou o convidado com uns grandes olhos verdes.

— Ele parece mau — decidiu Roxanne. E o pai riu-se e beijou-a na testa.

— Tenho a certeza de que estás errada.

Roxanne refletiu e depois contemporizou. — Ele parece que podia ser mau.

— Muito mais exato. — Pô-la no chão e passou-lhe uma mão pelos cabelos. — Agora diz um olá educado.

Ela inclinou a cabeça e depois baixou-a como uma pequena rainha concedendo audiência. — Olá.

— Oi. — *Fedelha ranhosa*, pensou Luke, corando de novo quando o estômago protestou.

— Acho que tens de lhe dar comida — disse Roxanne, como se Luke fosse um cão vadio que tivessem encontrado a escarafunchar o lixo. — Mas não sei se deves ficar com ele.

Dividido entre exasperação e diversão, Max deu-lhe uma palmadinha no rabo. — Vai já para a cama.

— Só mais uma hora, papá. Por favor.

Ele abanou a cabeça e dobrou-se para lhe dar um beijo. — *Bonne nuit, bambine*.

Ela franziu a testa, formando uma pequena depressão entre as sobrancelhas. — Quando for crescida, ficarei acordada toda a noite as vezes que quiser.

— Estou certo que sim, mais do que uma vez. Até lá... — Apontou para a cortina.

Roxanne fez beicinho mas obedeceu. Abriu o cortinado e depois olhou para trás por cima do ombro. — Amo-te à mesma.

— E eu a ti. — Max sentiu aquela velha e sempre profunda ternura inundá-lo. Sua filha. A única coisa que fizera sem truques ou ilusões. — Ela está a crescer — disse Max para si mesmo.

— Ela não passa de uma criança — resmungou Luke.

— Assim parece, estou certo, a alguém com a tua idade e vasta experiência. — O sarcasmo foi tão agradável que Luke não percebeu.

— As crianças são umas chatas.

— Às vezes — disse Max, sentando-se novamente.

— E custam dinheiro, não custam? — Uma ponta de raiva transpareceu nas palavras. — E estão sempre a atrapalhar. As pessoas têm-nas principalmente porque se entusiasmam demasiado para pensar nas consequências quando se enrolam umas com as outras.

Max passou um dedo pelo bigode enquanto pegava no *brandy*. — Uma filosofia interessante. Que teremos de aprofundar qualquer dia. Mas hoje... Ah, a tua refeição.

Confuso, Luke olhou para a porta. Ainda estava fechada. Não conseguia ouvir nada. Só alguns segundos depois é que ouviu o arrastar de pés e a rápida batida na porta. Mouse entrou carregando um saco castanho já manchado de gordura. O cheiro fez Luke salivar.

— Obrigado, Mouse. — Pelo canto do olho, Max reparou que Luke não estava a pegar no saco.

— Quer que eu fique? — perguntou Mouse pousando a comida na pequena mesa redonda que havia em frente ao sofá.

— Não é necessário. Tenho a certeza de que estás cansado.

— Certo. Então boa-noite.

— Boa-noite. Por favor, — continuou Max quando Mouse fechou a porta, — serve-te.

Luke enfiou uma mão no saco e tirou um hambúrguer. Esforçando-se por se mostrar indiferente, deu lentamente a primeira dentada e depois, não conseguindo evitar, atirou-se avidamente ao resto. Max recostou-se, agitando o *brandy*, de olhos meio fechados.

O rapaz comia como um lobo, pensou Max enquanto Luke dava cabo do segundo hambúrguer e de um monte de batatas fritas. Faminto por muitas coisas, imaginava Max. Ele sabia muito bem o que era ter fome — de muitas coisas. Como confiava nos seus instintos, e pelo que acreditava ter visto por detrás da provocação nos olhos do rapaz, iria oferecer-lhe a hipótese de um banquete.

— Eu faço de vez em quando um número de mentalismo — disse ele calmamente. — Talvez não saibas isso.

Como tinha a boca cheia, Luke só conseguiu grunhir.

— Também achei que não. Vou então fazer uma demonstração. Saíste de casa e já andas em viagem há algum tempo.

Luke engoliu e arrotou. — Errou. Os meus pais têm uma quinta a alguns quilómetros daqui. Só vim dar uma volta.

Max abriu os olhos. Estes continham um poder, e algo que tornava esse poder mais apurado: generosidade pura. — Não me mintas. A outros, se precisares, mas não a mim. Fugiste de casa. — Ele moveu-se tão rapidamente que Luke não teve hipótese de evitar a mão que apertou o seu pulso como aço. — Diz-me: deixaste para trás uma mãe, um pai e um avô aflitos?

— Já lhe disse... — As mentiras que aprendera a contar tão facilmente definhavam na sua língua. Eram os olhos, pensou ele num ataque de pânico. Iguais aos do cartaz, que pareciam olhar para dentro dele e ver tudo. — Não sei quem é o meu pai. — Cuspiu as palavras quando o seu corpo começou a vibrar de vergonha e fúria. — Acho que ela também não sabe. Tenho a certeza de que não quer saber. Talvez tenha pena que eu me tenha vindo embora porque assim não tem ninguém para lhe ir buscar uma garrafa, ou para roubar uma se ela não tiver dinheiro. E talvez o filho da mãe com quem ela vive tenha pena porque já não tem ninguém em quem bater. — Lágrimas das quais ele não tinha sequer consciência ardiam-lhe nos olhos. Mas ele estava consciente do pânico que o assaltara subitamente. — Não vou voltar. Juro que o mato se me quiser obrigar a voltar para aquilo!

Max abrandou o aperto no pulso de Luke. Sentia aquela dor, tão parecida com a sua própria quando tinha aquela idade. — O homem batia-te.

— Quando conseguia apanhar-me. — Havia provocação até naquelas palavras. As lágrimas brilharam por uns instantes e depois secaram.

— As autoridades?

Luke sorriu. — Uma merda.

— Sim. — Max deu um suspiro. — Não tens ninguém?

O queixo com a sua suave cova retesou. — Tenho-me a mim.

Uma excelente resposta, refletiu Max. — E os teus planos?

— Vou para sul. Para Miami.

— Hum. — Max agarrou no outro pulso de Luke e virou-lhe as mãos para cima. Quando sentiu a tensão do rapaz, mostrou o seu primeiro sinal de impaciência. — Não estou interessado em sexualidade masculina — disse bruscamente. — E se estivesse, não me rebaixaria a apalpar um miúdo. — Luke levantou os olhos e Max percebeu alguma coisa ali, alguma coisa que

nenhum miúdo de doze anos deveria saber que existia. — Esse homem abusou de ti de outras formas?

Luke abanou rapidamente a cabeça, demasiado humilhado para falar.

Mas alguém abusara, concluiu Max. Ou alguém tentara. Aquele assunto ia ter de esperar até haver confiança. — Tens boas mãos, dedos rápidos e ágeis. O teu *timing* é também bastante preciso para alguém tão novo. Eu podia aproveitar essas qualidades, talvez ajudar-te a apurá-las, se decidisses trabalhar para mim.

— Trabalhar? — Luke não conseguiu reconhecer a emoção que o assolava. A memória de uma criança é quase sempre curta, e já há muito tempo que não sentia esperança. — Que espécie de trabalho?

— Isto e aquilo. — Max recostou-se novamente e sorriu. — Talvez gostasses de aprender alguns truques, jovem Luke. Por acaso vamos rumar a sul dentro de algumas semanas. Podes trabalhar para pagar o teu quarto e a comida, e ganhar um pequeno salário se o mereceres. Teria de te pedir para te absteres de roubar carteiras durante um tempo, claro. Mas duvido que qualquer outra coisa que te pedisse limitasse o teu campo de ação.

Luke sentia uma dor no peito. Só quando soltou o ar é que percebeu que o tinha estado a conter até lhe arderem os pulmões. — Eu iria participar no espetáculo de magia?

Max sorriu de novo. — Não. Contudo, irias ajudar na montagem e desmontagem. E irias aprender, se tiveres afinidade por estas coisas. Eventualmente, poderás aprender o suficiente.

Tinha de haver alguma armadilha. Havia sempre uma armadilha. Luke andou às voltas em torno da proposta como um homem andaria em torno de uma cobra adormecida. — Acho que posso pensar no assunto.

— Isso é sempre sensato. — Max levantou-se, pondo de lado o copo vazio. — Porque não dormes aqui? Vemos em que param as coisas de manhã. Vou arranjar-te uns lençóis — ofereceu Max, saindo sem esperar pela resposta.

Talvez fosse um esquema, pensou Luke, roendo os nós dos dedos. Mas ele ainda não tinha conseguido perceber a artimanha. E ia ser bom, tão bom, dormir finalmente abrigado e de estômago cheio. Estendeu-se, dizendo para si mesmo que estava apenas a testar o terreno. Mas as pálpebras estavam pesadas. A luz das velas tinha um efeito hipnótico sobre elas.

Como as costas ainda o incomodavam, deitou-se de lado. Antes de deixar os olhos fecharem novamente, avaliou a distância até à porta para o caso de ter de sair rapidamente.

Podia sempre partir de manhã, pensou. Ninguém podia obrigá-lo a ficar. Já ninguém podia obrigá-lo a fazer o que quer que fosse.

Foi este o seu último pensamento antes de adormecer. Já não ouviu Max voltar com um lençol lavado e a almofada. Não o sentiu tirar-lhe os sapatos e colocá-los ao lado do sofá. Não murmurou nem se mexeu quando ele lhe levantou a cabeça e a pousou suavemente na almofada que cheirava vagamente a lilases.

— Sei o que passaste — murmurou Max. — Pergunto-me qual será o teu futuro.

Por uns momentos observou o rapaz a dormir, reparando na forte ossatura facial, na mão que estava fechada num punho defensivo, no profundo movimento respiratório do peito frágil que revelava uma completa exaustão.

Deixou Luke a dormir e foi para os braços macios e aconchegantes de Lily.

2.

Luke acordou por fases. Primeiro, começou por ouvir os pássaros a chilrear lá fora, depois sentiu o sol quente no rosto. Na sua mente imaginou-o dourado e líquido com um sabor a mel. Depois, sentiu o cheiro a café e indagou-se onde estaria.

Então abriu os olhos, viu a menina e lembrou-se.

Ela estava entre a mesa redonda e o sofá onde ele se encontrava esparamado, e tinha os lábios contraídos e a cabeça inclinada a olhar para ele. Os olhos eram brilhantes e curiosos — uma curiosidade não inteiramente amigável.

Reparou que ela tinha algumas sardas ténues sobre a cana do nariz que não vira quando ela estivera em palco ou à luz das velas.

Tão desconfiado como ela, Luke observou-a também, passando lentamente a língua pelos dentes. A sua escova de dentes estava na mochila de ganga que roubara de um supermercado e que tinha escondido nuns arbustos ali perto. Ele era muito exigente no que tocava a lavar os dentes; um hábito que adquirira devido ao medo paralisante que tinha do dentista. Especialmente daquele a que a mãe o obrigara a ir quase três anos antes. O que tinha hábito a *gin* e mãos cobertas de pelos pretos.

Queria escovar os dentes, engolir um pouco daquele café quente e ficar sozinho.

— Para onde é que estás a olhar?

— Para ti. — Ela tinha pensado em assustá-lo e estava um pouco dececionada por ele ter acordado antes de ter tido a oportunidade de o fazer. — És um magricela. A Lily diz que tens uma cara linda, mas a mim pareces mau.

Ele sentiu uma onda de repugnância, e de confusão por ter sido chamado de lindo pela jeitosa Lily. Luke não tinha sentimentos confusos em relação a Roxanne. Ela era o que o padrasto chamaria uma cabra de primeira. Claro que Luke não se recordava de nenhuma mulher que Al Cobb não tivesse considerado uma cabra de um tipo ou de outro.

— E tu és magricela e feia. Agora, põe-te a andar.

— Eu vivo aqui. E se não gostar de ti, posso obrigar o meu papá a mandar-te embora.

— Grande coisa, fedelha.

— Isso é má-criação. — Fez um ar afetado. Pelo menos ela achava que era.

— Não. — Talvez se ele chocasse os seus ouvidos angelicais, ela saísse. — Badameca é que é má-criação.

— Ai é? — Interessada, Roxanne aproximou-se. — O que é que quer dizer badameca?

— Meu Deus... — Luke esfregou os olhos enquanto se sentava. — Sai da minha frente, está bem?

— *Eu* sei ser educada. — E se fosse, Roxanne achava que talvez conseguisse convencê-lo a dizer-lhe o que significava a nova palavra. — Como sou a anfitriã, vou buscar-te uma chávena de café. Já o fiz.

— Tu? — Incomodava-o não a ter ouvido a andar por ali.

— É o meu trabalho. — Caminhou com ares de importância até ao fogão. — Porque o papá e a Lily dormem até tarde e eu não gosto. Eu quase não preciso de dormir. Nem quando era bebé. É o metabolismo — disse-lhe ela, satisfeita com a palavra que o pai lhe ensinara.

— Sim. Claro. — Ele observou-a a deitar café numa chávena de porcelana. Provavelmente saberia a lama, pensou Luke, e ficou desejoso por lho dizer.

— Natas ou açúcar? — Ela entoou as palavras como uma animada hospedeira de bordo.

— Montes de cada.

Ela levou-o à letra e depois, de língua entre os dentes, colocou na mesa a chávena quase a transbordar. — Também podes tomar sumo de laranja com o pequeno-almoço. — Embora não gostasse particularmente dele, Roxanne gostava da ideia de brincar à anfitriã amável, e imaginava-se a usar um dos vestidos de seda compridos de Lily e a andar de saltos altos. — Vou fazer o meu pequeno-almoço especial.

— Ótimo. — Luke preparou-se para estremecer com o sabor do café e ficou surpreendido quando este escorregou lindamente. Estava um pouco doce, mesmo para o seu gosto, mas nunca tinha provado um tão bom. — Está bastante bom — resmungou ele, e Roxanne fez-lhe um rápido sorriso que era inerentemente feminino.

— Tenho um jeito mágico para o café. Todos dizem isso. — Bastante entusiasmada, pôs fatias de pão na torradeira e abriu o frigorífico. — Porque é que não vives com a tua mãe e o teu pai?

— Porque não quero.

— Mas tens de viver — afirmou ela. — Mesmo que não queiras.

— Não tenho, não. Além disso, eu não tenho pai.

— Oh. — Roxanne contraiu os lábios. Embora tivesse apenas oito anos, ela sabia que essas coisas aconteciam. Ela própria perdera a mãe, de quem não tinha qualquer lembrança. Como Lily preencheria tão subtilmente a vaga, não era uma perda que a abalasse. Mas a ideia de não ter pai entristecia-a sempre, e assustava-a. — Ele adoeceu, ou teve algum acidente terrível?

— Não sei nem quero saber. Muda de conversa.

Em quaisquer outras circunstâncias, o tom agressivo tê-la-ia feito perder as estribeiras. Mas, em vez disso, despertou-lhe solidariedade. — De que parte do espetáculo é que gostaste mais?

— Não sei. Os truques com cartas foram bastante fixes.

— Eu sei fazer um. Posso mostrar-te. — Cuidadosamente, deitou sumo em copos de cristal. — Depois do pequeno-almoço, mostro-te. Podes usar aquela casa de banho para lavares as mãos porque já está quase pronto.

Ele estava muito mais interessado em esvaziar a bexiga e, seguindo a direção da mão dela, encontrou a casa de banho minúscula atrás da cortina vermelha. Cheirava a mulher; não o odor pesado e enjoativo que perseguia muitas vezes a mãe, mas uma feminilidade doce e sensual.

Havia meias penduradas sobre a cortina do acanhado cubículo do chuveiro, e havia uma caixa de pó de arroz e uma grande borla cor-de-rosa sobre um paninho de renda ao fundo da casa de banho. No canto encontrava-se uma pequena prateleira atafalhada de garrafas, potes e tubos.

Utensílios de prostituta, ter-lhes-ia chamado Cobb, mas Luke achava que até ficavam bastante bem ali, como um jardim que vira nas suas viagens, onde flores e ervas daninhas cresciam misturadas.

Apesar da desordem, a casa de banho estava escrupulosamente limpa. Muito diferente da casa de banho imunda do apartamento imundo do qual fugira, pensou ele enquanto lavava a cara com água quente.

Incapaz de resistir, espreitou para dentro do armário dos medicamentos. Havia ali coisas de homem. Uma lâmina de barbear, creme de barbear, *aftershave*. Havia também uma escova de dentes ainda por estrear. O pavor de cáries sobrepôs-se ao sentimento de culpa que poderia ter tido quando a utilizou.

Só quando saiu e se interrogava se poderia arriscar-se a bisbilhotar um pouco é que se lembrou dos sapatos. Correu para a zona de estar, atirando-se para debaixo da mesa para verificar o dinheiro.

Calma como uma rainha no trono, Roxanne estava sentada numa almofada de cetim a bebericar o sumo. — Porque é que guardas o dinheiro dentro do sapato quando tens bolsos?

— Porque ali é mais seguro. — E fora, reparou aliviado. Estava lá todo. Sentou-se no seu lugar e olhou para o prato. Havia uma fatia de torrada com um monte de manteiga de amendoim no centro coberta com o que parecia ser mel e salpicada de canela e açúcar, cortada em dois triângulos perfeitos.

— É muito bom — garantiu-lhe Roxanne, dando dentadinhas na dela.

Luke deu uma dentada num dos triângulos e viu-se obrigado a concordar. Ela sorriu novamente quando ele engoliu o último pedaço.

— Vou fazer mais.

Uma hora depois, Max atravessou a cortina e deu com eles sentados lado a lado no sofá. A sua menina tinha uma pequena pilha de notas ao pé do cotovelo e virava com perícia três cartas sobre a mesa.

— Então, onde está a dama?

Luke soprou o cabelo da frente dos olhos, hesitou e apontou para a carta do meio. — Tenho a certeza de que agora está ali, droga!

Toda cheia de si, Roxanne virou a carta para cima e depois deu risadinhas quando ele praguejou de novo.

— Roxy — disse Max ao aproximar-se deles. — É bastante deselegante depenar um convidado.

— Eu disse-lhe que o Monte de Três Cartas era um jogo para trouxas, papá. — Fazendo um ar inocente, olhou para o pai. — Ele não me ouviu.

Max riu-se por entre dentes e agarrou-lhe no queixo. — Minha pequena trapaceira. Como dormiste, Luke?

— Bem. — Tinha perdido cinco dólares para a pequena vigarista. Era mortificante.

— E vejo que já comeste. Se decidiste ficar, entrego-te já ao Mouse. Ele vai pôr-te a trabalhar.

— Isso era bom. — Mas ele sabia que não devia parecer ansioso. Quando uma pessoa se mostrava ansiosa, é que lhe puxavam o tapete de baixo dos pés. — Pelo menos durante uns dias.

— Esplêndido. Uma lição grátis antes de começarmos. — Parou para se servir de café, cheirou-o de modo apreciativo e provou. — Nunca apostes no jogo da casa a não ser que perder seja vantajoso para ti. Vais precisar de roupa?

Embora não conseguisse perceber como é que perder podia alguma vez ser vantajoso, Luke não fez comentários. — Tenho algumas coisas.

— Então está bem. Podes ir buscá-las. A seguir começamos.

...

Uma das vantagens de ser um rapaz como Luke era o facto de ele não ter quaisquer expectativas. Outro poderia ter sonhado com toques de *glamour*, ou aventura, talvez um pouco de alegre camaradagem de vida de feirante. Mas segundo a filosofia de Luke, as pessoas recebiam geralmente menos do que mereciam de coisas boas, e mais do que conseguiam aguentar das más.

Por isso, quando o taciturno Mouse o pôs a levantar e a arrastar pesos, a limpar, a pintar e a ir buscar coisas, ele seguiu as ordens sem reclamações ou conversa. Como Mouse era um homem de poucas palavras, Luke conseguia guardar para si as suas opiniões e observava.

A vida numa feira não era glamorosa, notou ele. Era árdua e suja. O ar estalava com os odores a fritos, água-de-colónia barata e corpos suados. Cores que pareciam tão vivas de noite eram desmaiadas à luz do dia. E os carrosséis, tão rápidos e assustadores sob um céu estrelado, pareciam cansados e mais do que um pouco inseguros sob um impiedoso sol de verão.

Quanto à aventura, não havia nada de excitante em esfregar uma longa caravana preta, ou em ajudar Mouse a mudar velas de ignição na *Chevrolet* de caixa aberta que a rebocava.

Mouse tinha a cabeça e os ombros debaixo do capô, e os olhos estavam quase fechados enquanto escutava o motor a trabalhar. De quando em vez assobiava uma música, ou resmungava e fazia mais alguns ajustes.

Luke estava inquieto. O calor era insuportável. Começava a escorrer suor do lenço desbotado que atara à volta da cabeça. Ele não percebia nada de carros, e não via a necessidade de perceber quando não iria poder conduzir durante anos e anos. A forma como Mouse estava a assobiar e a mexer-se começava a enervá-lo.

— A mim, parece-me bem.

Mouse abriu os olhos. Tinha óleo nas mãos, riscos na cara e manchas na *t-shirt* branca larga. Estava simplesmente no seu paraíso.

— Está a falhar — corrigiu ele, fechando depois outra vez os olhos. Fez ajustes mínimos, tão delicadamente como um homem apaixonado desfloraria uma virgem. O motor ronronou para ele. — Meu querido — disse ele.

Não havia nada mais fascinante, ou sedutor, no mundo de Mouse do que uma máquina bem oleada.

— Meu Deus, é apenas uma estúpida camioneta!

Mouse abriu novamente os olhos, e estes exibiam um sorriso. Ele tinha pouco mais de vinte anos, e devido ao seu tamanho e aspeto pesado, fora considerado um anormal pelas outras crianças na terra onde crescera. Não

confiava nem gostava de muitas pessoas, mas já desenvolvera uma amizade tolerante por Luke.

Havia alguma coisa no seu sorriso — lento e puro como o de um bebê — que fez Luke sorrir também. — Já acabaste ou quê?

— Já acabei. — Para o provar, Mouse fechou o capô e depois deu a volta para tirar as chaves da ignição e guardá-las no bolso. Nunca esquecer o orgulho que sentira quando Max lhe confiara as chaves pela primeira vez. — Vai funcionar na perfeição esta noite quando formos para Manchester.

— Quanto tempo vamos ficar lá?

— Três dias. — Mouse tirou um maço de tabaco de dentro da manga enrolada, sacudiu o pacote e retirou um cigarro com os dentes antes de oferecer o maço a Luke. Luke aceitou-o o mais descontraidamente possível. — Trabalho duro esta noite. Carregar a camioneta.

Luke pôs o cigarro na boca e esperou que Mouse acendesse um fósforo. — Como é que uma pessoa como o Sr. Nouvelle está numa feira reles como esta?

O fósforo flamejou quando Mouse o encostou ao cigarro. — Tem os seus motivos. — Encostou o fósforo ao cigarro de Luke e depois recostou-se na camioneta e começou a sonhar acordado com a longa e tranquila viagem.

Luke deu uma passa experimental, tossiu violentamente e cometeu o erro de inalar. Tossiu a ponto de ficar com os olhos húmidos mas, quando Mouse olhou para ele, esforçou-se por parecer recomposto.

— Não é a marca a que estou acostumado. — A sua voz soou como um guincho fraco antes de ele dar outra passa determinada. Desta vez engoliu o fumo, ficou com falta de ar e esforçou-se bastante para não deitar fora o almoço. Sentia como se os olhos se estivessem a revirar para dentro da cabeça para verem o estômago a subir.

— Então, miúdo! — A preocupação com a tonalidade esverdeada da pele de Luke fez Mouse dar-lhe uma pancada suficientemente forte nas costas para o pôr de joelhos. Quando ele vomitou um pouco, Mouse deu-lhe pancadinhas na cabeça com uma mão engordurada. — Valha-me Deus! Estás maldisposto?

— Algum problema? — Max foi até junto deles. Lily afastou-se dele a correr para se agachar ao lado de Luke.

— Oh, querido! Pobrezinho... — disse ela, esfregando uma mão para cima e para baixo nas costas de Luke. — Fica aí quietinho até passar. — Lily viu o cigarro aceso que caíra da mão de Luke e fez um estalido com a língua. — Que diabos estava esta criança a fazer com uma dessas coisas horríveis?

— A culpa é minha. — Mouse olhou lastimosamente para os próprios pés. — Não estava a pensar quando lhe dei um cigarro, Max. A culpa é minha.

— Ele não precisava de o ter aceitado. — Max abanou a cabeça enquanto Luke se punha de gatas e lutava com o enjoo. — E está certamente a pagar por isso. Outra lição grátis. Não aceites o que não consegues suportar.

— Oh, deixem a criança em paz! — Com o instinto maternal a todo o gás, Lily encostou o rosto pegajoso de Luke ao peito, onde ele inalou uma mistura inebriante de *Chanel* e suor. Apertando Luke contra si, Lily olhou para Max. — Lá por nunca teres estado enjoado na vida, não é motivo para não seres solidário.

— Tens razão — concordou Max, escondendo um sorriso. — O Mouse e eu vamos deixá-lo aos teus ternos cuidados.

— Vamos tratar disto — murmurou ela a Luke. — Vem com a Lily, querido. Anda, apoia-te em mim.

— Estou bem. — Mas assim que se levantou, a cabeça começou a andar à roda. O mal-estar espalhou-se de tal forma que ele não teve espaço para o embaraço quando Lily quase o carregou de volta à caravana.

— Não te preocupes com nada, bebé. Só precisas de te deitar um bocado, mais nada.

— Sim, senhora. — Ele queria deitar-se. Seria mais fácil morrer dessa forma.

— Não precisas de me tratar por senhora, querido. Chama-me Lily, como toda a gente. — Tinha-o enfiado debaixo de um braço quando abriu a porta da caravana. — Deita-te no sofá que eu vou buscar-te um paninho frio.

Resmungando, Luke deitou-se de cara para baixo e começou a rezar, com um fervor que acabava de descobrir, para não vomitar outra vez.

— Toma, bebé. — De pano húmido e bacia nas mãos, Lily ajoelhou-se ao lado dele. Depois de lhe retirar o lenço húmido da cabeça, pousou-lhe o pano sobre a testa. — Daqui a pouco já te vais sentir melhor, prometo. Tive um irmão que ficou enjoado quando fumou pela primeira vez. — Ela falava tranquilamente, naquela voz confortante que algumas mulheres assumem tão naturalmente. — Mas ele ficou bom num instante.

O melhor que Luke conseguiu produzir foi um gemido. Lily continuou a falar enquanto virava o pano e lhe acariciava o rosto e o pescoço. — Agora descansa. — Esboçou um sorriso quando sentiu que ele estava a adormecer. — Assim mesmo, querido. Descansa.

Satisfazendo o próprio desejo, passou os dedos pelo cabelo dele. Era comprido e espesso, e suave como seda. Se ela e Max tivessem conseguido

conceber um filho, ele poderia ter um cabelo assim, pensou ela. Mas assim como o seu coração era fértil para amar uma prole de filhos, o útero era estéril.

O rapaz tinha realmente um rosto bonito, refletiu ela. A pele dourada do sol e suave como a de uma rapariga. Ossos bons e fortes por debaixo. E aquelas pestanas... Soltou mais um suspiro. Mas, por mais atraente que fosse o miúdo, e por mais que ela desejasse preencher a vida com filhos, não estava certa de que Max fizera a coisa certa ao acolhê-lo.

Ele não era um órfão como Mouse. Afinal, a criança tinha mãe. Por mais dura que tivesse sido a sua própria vida, Lily achava quase impossível acreditar que uma mãe não fizesse tudo o que estava ao seu alcance para proteger e amar o seu filho.

— Aposto que ela é doida por ti, bonequinho — murmurou Lily. — És pouco mais do que pele e osso. E olha para isto! Molhaste a camisola toda com suor! Vamos tirá-la e lavar-ta. — Puxou-a suavemente para cima. E os seus dedos paralisaram. O grito rápido e involuntário fê-lo gemer no sono. Com lágrimas de dor e raiva a saltarem-lhe dos olhos, Lily puxou novamente a camisola para baixo.

Max estava em frente do espelho que pusera no palco e ensaiava as suas ilusões habituais. Via como a assistência veria as moedas aparecerem e desaparecerem por entre os dedos. Max executara a sua versão das Moedas Empáticas inúmeras vezes, melhorando-a e aperfeiçoando-a tal como fazia com todos os truques e ilusões que aprendera ou que inventara desde que se apresentara pela primeira vez na esquina da Bourbon com a St. Louis em Nova Orleães, com a sua mesa desdobrável, a caixa de cartão salpicada de moedas e o truque dos Copos e Bolas.

Já não pensava muitas vezes nesses primeiros tempos, não agora que era um homem bem-sucedido na casa dos quarenta. Mas a criança azeda e desesperada que ele tinha sido podia voltar para o atormentar. Como agora, disfarçada de Luke Callahan.

O rapaz tinha potencial, refletiu Max enquanto dividia uma moeda de ouro em duas e depois em três.

Com um pouco de tempo, cuidado e orientação, Luke seria alguém. O que seria esse alguém, Max deixava ao cuidado dos deuses. Se o miúdo ainda estivesse com eles quando chegassem a Nova Orleães, veriam.

Max levantou as mãos, bateu uma na outra, e todas as moedas, à exceção daquela com que começara, desapareceram.

— Nada na manga — murmurou ele, perguntando-se porque é que as pessoas acreditavam sempre nisso.

— Max! — Um pouco sem fôlego por ter ido até ali a correr, Lily aproximou-se rapidamente do palco.

Para Max era, como sempre, um prazer vê-la. Lily de calções justos, *t-shirt* justa e unhas dos pés pintadas saindo de sandálias empoeiradas era uma visão agradável. Mas quando lhe pegou na mão para a ajudar a subir para o palco e viu a cara dela, o seu sorriso desvaneceu.

— O que é que aconteceu? A Roxanne?

— Não, não. — A tremer, ela lançou os braços em volta dele e apertou-o com força. — A Roxy está ótima. Convenceu um dos empregados a deixá-la andar no carrossel. Mas aquele miúdo, Max, aquele pobre miúdo...

Ele riu-se então e deu-lhe um abraço rápido e afetuoso. — Lily, meu amor, ele vai sentir-se maldisposto durante um bocado, e muito envergonhado durante muito mais tempo, mas vai passar.

— Não, não é isso. — De lágrimas já a escorrerem, Lily encostou o rosto ao pescoço dele. — Deitei-o no sofá, e quando ele adormeceu, eu ia tirar-lhe a camisola. Estava toda suada e eu queria que ele ficasse confortável. — Fez uma pausa e inspirou profunda e calmamente. — As costas dele, Max, as suas pobres costinhas. As cicatrizes; cicatrizes antigas e novos golpes que mal cicatrizaram. Feitas com uma correia ou um cinto, ou sabe-se lá o quê. — Limpou as lágrimas com as costas das mãos. — Alguém deve ter batido horrivelmente naquele miúdo.

— O padrasto. — A voz de Max não denotava emoção. As emoções que o assaltavam por dentro exigiam o maior dos controlos. As lembranças, por mais violentas que fossem, conseguia combatê-las. Mas a raiva pelo que acontecera ao rapaz quase o arrasou. — Não achei que fosse assim tão grave. Achas que é melhor chamarmos um médico?

— Não. — Contraíndo os lábios, Lily abanou a cabeça. — São quase só cicatrizes, cicatrizes horríveis! Não compreendo como é que alguém pode ter feito aquilo a uma criança! — Lily fungou e aceitou o lenço que Max lhe ofereceu. — Eu não tinha a certeza de que tivesses feito a coisa certa ao acolhê-lo. Pensei que a mãe dele devia estar desesperada por notícias. — Os seus olhos suaves endureceram como vidro. — A mãe dele — cuspiu ela. — Gostava de deitar as mãos a essa cabra. Mesmo que não tenha sido ela a usar a correia, permitiu que isto acontecesse ao seu filho. Bem, deviam bater-lhe a ela. Eu própria o faria se tivesse a oportunidade.

— Tão feroz... — Com suavidade, Max emoldurou-lhe o rosto com as

mãos e beijou-a. — Amo-te, Lily. Por tantas razões. Agora vai tratar dessa cara e prepara um chá para te acalmares. Ninguém voltará a fazer mal ao rapaz.

— Não, ninguém voltará a fazer-lhe mal. — Enrolou os dedos em volta dos pulsos de Max. Os seus olhos estavam agora quentes de paixão e a voz espantosamente firme: — Ele agora é nosso.

A maior parte do enjoo de Luke desaparecera, mas a vergonha atingiu o ponto máximo quando acordou e viu Lily sentada ao seu lado a beber chá. Tentou arranjar uma desculpa, mas ela falou animadamente por cima dos seus gaguejos e ofereceu-lhe um prato de sopa.

Ela continuou a falar enquanto ele comia, uma conversa viva e bem-disposta que quase o convenceu de que ninguém reparara que ele se desgraçara.

Então Roxanne entrou de rompante.

Estava suja de pó da cabeça aos pés, e o cabelo que Lily entrançara com tanto cuidado naquela manhã encontrava-se completamente desgrenhado. Tinha uma esfoladela no joelho e um grande rasgão nos calções. O odor intenso a animal seguiu-a para dentro da caravana. Acabava de brincar com o trio de terriers do espetáculo de cães.

Lily sorriu indulgentemente para a menina imunda. A seguir a ver uma criança a comer, Lily adorava vê-las cobertas de sujidade como prova de que tinham brincado bastante.

— Será a minha Roxy aí debaixo?

Roxanne sorriu e depois foi ao frigorífico buscar uma bebida fresca. — Andei no carrossel até me cansar, e o Jim Grandalhão deixou-me atirar as argolas enquanto me apeteceu. — Bebeu uma *Nehi* com sabor a uva, acrescentando um bigode roxo à imundice. — Depois brinquei com os cães. — Virou o olhar para Luke. — Fumaste realmente um cigarro e ficaste enjoado?

Luke mostrou os dentes, mas não falou.

— Mas para que é que foste fazer isso? — continuou ela, animada como uma tagarela. — Não é suposto as crianças fumarem.

— Roxy. — Com uma voz parecendo um alegre trinado, Lily levantou-se e começou a empurrar a menina em direção à cortina. — Tens de te lavar.

— Mas eu só quero saber...

— Vá, despacha-te. Está quase na hora do primeiro espetáculo.

— Só pensei...

— Tu pensas de mais. Agora põe-te a andar!

Aborrecida com a ordem, Roxanne lançou um olhar de aversão a Luke e recebeu em troca um igualmente antipático. Fazendo o que lhe saía naturalmente, ela deitou a língua de fora antes de fechar a cortina atrás de si.

Dividida entre o riso e a solidariedade, Lily voltou para trás. — Bem. — A raiva e humilhação de Luke estavam bastante evidentes no seu rosto. — Acho que é melhor fazermos alguma coisa. — Ela era demasiado sensata para lhe perguntar se ele se sentia em condições para o trabalho da noite. — Porque é que não vais pedir a um dos rapazes que te dê alguns folhetos para distribuíres quando as pessoas começarem a aparecer?

Ele encolheu os ombros em concordância e depois deu um salto para trás quando Lily esticou a mão na sua direção. Ele pensara que ela lhe ia dar um estalo. Ela podia ver isso pela expressão sombria e fixa dos olhos dele. Assim como viu essa expressão transformar-se em confusão quando o que lhe deu foi um rápido e carinhoso afago nos cabelos.

Nunca ninguém lhe tinha tocado daquela forma. Enquanto olhava espantado para ela, formou-se-lhe um nó na garganta que o impossibilitou de falar.

— Não precisas de ter medo — disse ela baixinho, como se fosse um segredo só deles. — Eu não te faço mal. — Tocou-lhe na bochecha. — Nem agora, nem nunca. — Ela gostaria de o ter abraçado naquele momento, mas achou que era demasiado cedo. Ele não podia saber, como ela sabia, que era agora seu filho. E o que pertencia a Lily Bates, ela protegia. — Se precisares de alguma coisa, vem ter comigo — disse ela energeticamente. — Compreendido?

Ele não conseguiu fazer mais nada senão anuir com a cabeça enquanto se levantava. Sentia uma pressão no peito, uma secura na garganta. Sabendo que estava perigosamente à beira das lágrimas, saiu como uma flecha.

Luke aprendera três coisas naquele dia. Supunha que Max lhes chamaria lições grátis, e eram três que nunca mais esqueceria. Primeira: nunca mais fumaria um cigarro sem filtro. Segunda: detestava a fedelha de nariz empinado. Terceira, e a mais importante: apaixonara-se por Lily Bates.

3.

O verão tornava-se mais quente à medida que viajavam para sul. De Portland para Manchester, em seguida para Albany e depois Poughkeepsie, onde choveu torrencialmente durante dois dias miseráveis. Wilkes-Barre, depois para oeste até Allentown, onde Roxanne se divertiu imenso a brincar com duas gémeas chamadas Tessie e Trudie. Quando partiram dois dias depois, entre lágrimas e votos solenes de amizade eterna, Roxanne experimentou pela primeira vez as desvantagens da vida na estrada.

Andou de mau humor durante uma semana, levando Luke à loucura com elogios às amigas perdidas. Ele evitava-a sempre que possível, mas era difícil já que viviam todos debaixo do mesmo teto.

Luke dormia com Mouse na camioneta, mas grande parte das refeições eram tomadas na caravana. E por mais de uma vez deu com ela à sua espera para lhe pregar um susto quando saía da casa de banho.

Não que ela gostasse dele. De facto, ela desenvolvera a aversão profunda que nenhum dos dois reconhecia ainda como rivalidade natural entre irmãos. Mas desde a experiência com Tessie e Trudie, Roxanne passara a desejar companhia da sua idade.

Mesmo que fosse um rapaz.

Ela fazia o que as irmãs mais novas fazem desde o início dos tempos: fazia a vida dele num inferno.

De Hagerstown a Winchester, daí para Roanoke e depois até Winston-Salem, ela implicara impiedosamente com ele, perseguindo-o por todo o lado e importunando-o implacavelmente. Se não fosse por Lily, Luke poderia ter revidado. Mas por razões que lhe passavam ao lado, Lily era doida pela fedelha.

E esse afeto foi óbvio durante um ensaio do espetáculo em Winston-Salem.

A Roxanne não está a acertar nos tempos, pensou Luke com ar de satisfação enquanto observava o ensaio. A magricela imbecil não acertava uma naquele dia. E estava a lamentar-se.

O mau ensaio deu-lhe esperança. Ele conseguia fazer o truque muito melhor do que ela. Se Max lhe desse a oportunidade. Se Max o ensinasse só

um pouco. Luke já praticara alguns movimentos de mãos e de palco em frente ao minúsculo espelho da casa de banho.

Só precisava que a cavalgada da Rox apanhasse alguma doença incurável, ou tivesse um acidente trágico. Se ela saísse de cena, ele podia entrar e substituí-la.

— Roxanne — disse Max pacientemente, interrompendo os pensamentos de Luke. — Não estás a prestar atenção.

— Estou, sim. — Fez beicinho e os olhos encheram-se de lágrimas. Ela odiava estar fechada naquela tenda velha e quente.

— Max — disse Lily, subindo para o palco. — Talvez devêssemos dar-lhe um descanso.

— Lily. — Max esforçava-se por não se exaltar.

— Estou cansada de ensaiar — continuou Roxanne, levantando a cara afogueada e triste. — Estou cansada da caravana, do espetáculo, de tudo. Quero voltar para Allentown para ver a Tessie e a Trudie.

— Lamento, mas isso é impossível. — As palavras dela haviam ferido o orgulho de Max e aberto uma brecha por onde entrar a culpa. — Se não queres atuar, é uma escolha tua. Mas se eu não puder contar contigo, vou ter de te substituir.

— Max! — Chocada, Lily avançou um passo e parou quando Max levantou uma mão.

— Como minha filha, — continuou ele enquanto uma lágrima solitária escorria pela face de Roxanne, — tens direito a ter os acessos de mau humor que quiseres. Mas enquanto minha empregada, vais ensaiar quando são precisos ensaios. Compreendido?

Roxanne baixou a cabeça. — Sim, papá.

— Bem. Agora vamos reorganizar-nos. Enxuga as lágrimas — começou ele passando uma mão sob o queixo dela. — Quero que tu... — Parou e encostou a palma da mão à testa dela. O seu estômago deu uma reviravolta. — Ela está a ferver! — disse ele numa voz estranha. — Lily. — E o Grande Nouvelle, Ilusionista Extraordinário, olhou impotente para a sua amada. — Ela está doente.

— Oh, minha ovelhinha. — Instantaneamente, Lily pôs-se de joelhos para testar ela própria a temperatura. A testa de Roxanne estava quente e peganhenta. — Bebé, dói-te a cabeça? O estômago?

Duas lágrimas caíram sobre o soalho do palco. — Estou bem. Só está quente aqui dentro. Não estou doente, quero ensaiar. Não deixes o papá substituir-me.

— Oh, isso é um disparate. — Os dedos atarefados de Lily procuravam glândulas inchadas. — Ninguém poderia substituir-te. — Encostando a cabeça de Roxanne no seu ombro, Lily olhou para Max. Ele estava branco como cal. — Acho que devíamos ir até à cidade procurar um médico.

Sem palavras, Luke observou Max levar dali uma Roxanne chorosa. O seu desejo mais profundo realizara-se. A fedelha estava doente. Talvez tivesse até apanhado a peste. Com o coração aos saltos, correu para fora da tenda e viu a nuvem de pó deixada pela camioneta.

Podia ser que ela morresse antes de eles chegarem à cidade. Essa ideia provocou-lhe um arrepio de pânico seguido de um horrendo sentimento de culpa. Ela parecera terrivelmente pequena quando Max a levava.

— Onde foram eles? — perguntou Mouse, um pouco ofegante porque tinha corrido até ali quando ouvira o motor da sua amada a funcionar.

— Ao médico. — Luke mordeu com força o lábio. — A Roxanne está doente.

Antes que Mouse pudesse fazer mais alguma pergunta, Luke correu dali para fora. Esperava que se existisse realmente um Deus, este acreditasse que ele não desejara realmente aquilo.

Só duas terríveis horas depois é que a camioneta regressou da cidade. Quando a estacionaram, Luke começou a andar na sua direção mas o seu coração parou quando viu Max tirar uma Roxanne inanimada dos braços de Lily e carregá-la em direção à caravana.

— Ela está... — A garganta fechou-se na palavra começada por «M».

— A dormir. — Lily fez-lhe um sorriso perturbado. — Desculpa, Luke, mas é melhor ires-te embora agora. Vamos estar muito ocupados por uns tempos.

— Mas... mas... — Seguiu Lily até à caravana. — Ela está... quero dizer...

— Será complicado durante uns dias, mas assim que a crise passar, ela vai ficar bem.

— Crise? — A voz dele era um crocito. Que Deus os ajudasse, era *mesmo* a peste!

— Ela está tão quente — murmurou Lily. — Bem, vamos tentar pô-la o mais confortável possível enquanto durar.

— Eu não queria que fosse assim! — explodiu Luke. — Juro que não queria pô-la doente!

Embora tivesse o pensamento noutra lugar, Lily parou à porta. — Não

foste tu, querido. Na verdade, suspeito que a Roxy tenha recebido mais do que um voto de amizade eterna da Trudie e da Tessie. — Sorriu enquanto entrava na caravana. — Parece que recebeu um bônus de varicela.

Luke ficou de boca aberta enquanto Lily fechava a porta na sua cara.

Varicela? Ele quase morrera de susto, e a fedelha só tinha a maldita varicela?

— Eu consigo. — Luke estava obstinadamente no meio do palco, de olhar carrancudo, enquanto Max continuava a manipular as cartas. — Eu consigo fazer qualquer coisa que ela faça.

— Estás longe de estar preparado para atuar. — Max pôs as cartas na mesa desdobrável e voltou-as aparatadamente.

Haviam passado três dias desde que Roxanne ficara de cama, com febre, cheia de comichão e extremamente triste. E, sempre que tivera oportunidade, durante esse tempo Luke não parara com a mesma cantilena.

— Só tem de me mostrar o que fazer. — Atormentara Mouse para este lhe ensinar o truque do chapéu gigante e deparara-se com uma intransponível muralha de lealdade. — Ouvi o senhor dizer à Lily que, com a Roxanne doente, há um vazio no número. E ela não vai poder atuar pelo menos durante mais dez dias.

Considerando acrescentar mais uns truques pequenos para compensar a ausência de Roxanne, Max começou a preparar uma variação dos Ases Acrobatas. — A tua preocupação com a saúde dela é comovente, Luke.

Ele ruborizou e enfiou as mãos nos bolsos. — Não fui eu que a pus doente. — Já tinha quase a certeza disso. — E é apenas varicela.

Insatisfeito com o truque, Max pôs as cartas de lado. O rapaz tinha uma mente resoluta, pensou Max, e podia perfeitamente fazer algo tão básico quanto o truque do chapéu gigante.

— Vem cá. — Luke deu um passo em frente. Quando o seu olhar encontrou o de Max, algo nos olhos do ilusionista fez Luke reprimir um arrepio. — Jura — disse Max numa voz profunda e autoritária dentro da tenda empoeirada. — Jura por tudo que nunca revelarás nenhum dos segredos da arte que te forem mostrados.

Luke queria sorrir, para lembrar a Max que afinal não passava de um truque. Mas não conseguiu. Havia ali qualquer coisa mais importante do que ele podia imaginar. Quando conseguiu falar, a sua voz foi um sussurro: — Juro.

Max estudou o rosto de Luke por mais um momento e depois anuiu com a cabeça. — Muito bem. O que quero que faças é o seguinte.

Era realmente muito simples. Quando Luke descobriu o quão incrivelmente simples era, ficou espantado por se ter deixado iludir. Detestava admitir a si próprio, e recusava-se a admitir a Max, mas agora que sabia como Roxanne se transformara em coelho e como desaparecera de baixo da capa, estava um pouco triste.

Mas Max não lhe dava tempo para se lamentar pela perda de inocência. Trabalharam, repetindo a sequência durante mais de uma hora. Aperfeiçoando o *timing*, coreografando cada movimento, removendo partes que se haviam adequado a Roxanne e substituindo-as por outras adaptadas a Luke.

Era um trabalho cansativo e inacreditavelmente monótono, mas Max recusava-se a aceitar menos do que a perfeição.

— Porque é que se dá a tanto trabalho por um punhado de saloios? Por um reles dólar ficariam satisfeitos com alguns truques de cartas e um coelho numa cartola.

— Mas eu não ficaria. Atua primeiro para ti, e farás sempre o teu melhor.

— Mas o senhor, com as coisas que consegue fazer, não precisa de estar numa feira de segunda.

Max esboçou um sorriso sob o dedo enquanto alisava o bigode. — O teu elogio, muito embora mal expressado, é apreciado. É um erro acreditar que alguém tenha de estar em qualquer lado que não deseje estar. Eu encontro um certo prazer na vida de cigano. E, como decerto não estás informado, eu sou o proprietário desta feira de segunda.

Cobriu Luke com a sua capa, estalou os dedos duas vezes e depois riu-se quando a forma sob o material negro permaneceu no lugar. — O assistente de um bom mágico nunca falha uma deixa, por mais distraído que possa estar.

Ouviu-se um bufar irritado vindo de baixo da capa, e depois a forma desapareceu. Longe de estar insatisfeito com o progresso de Luke, Max pensou que o rapaz servia. Utilizaria a arrogância de Luke, a sua avidez e provocação, juntamente com aquela vulnerabilidade subjacente. Aproveitaria tudo o que Luke era, e em troca daria ao rapaz uma casa e uma hipótese de escolha.

Uma troca justa, considerou Max. — Outra vez — disse ele simplesmente quando Luke surgiu no palco vindo dos bastidores.

Depois de mais uma hora, Luke perguntava-se porque é que quisera participar no espetáculo. Quando Lily entrou na tenda, ele estava prestes a dizer a Max exatamente o que é que ele podia fazer com a sua varinha mágica.

— Sei que estou atrasada — começou ela enquanto se aproximava apressadamente. — Hoje está tudo atrasado.

— A Roxanne?

— Quente e rabugenta, mas a aguentar-se. — Franziu a testa de preocupação. — Detesto deixá-la sozinha. Estão todos ocupados agora, por isso eu... Luke. — A sua testa alisou-se imediatamente. — Querido, era um enorme favor que me fazias se lhe fizesses companhia durante uma hora.

— Eu? — Era como se lhe tivesse pedido para comer sapos.

— Ela precisa mesmo de companhia. Distraí-lhe a cabeça da comichão.

— Bem, claro, mas... — De repente a inspiração surgiu-lhe. — Eu gostava, mas o Max precisa que eu ensaie.

— Ensaiar?

Nenhum telepata teria lido com maior clareza a mente de Luke. Max sorriu, pousando uma mão amigável no ombro do rapaz. *Progresso*, pensou ele. Luke ficara tenso com o toque apenas por um instante. — Apresento-te o mais recente membro da nossa feliz equipa — disse ele a Lily. — O Luke vai entrar esta noite.

— Esta noite? — Assustado, Luke virou-se para Max. — Só esta noite? Não andei a ter este trabalho todo para uma noite!

— Isso ainda vamos ver. Se te saíres bem hoje à noite, haverá amanhã à noite. É o que chamamos de período experimental. Em qualquer caso, já ensaiámos o suficiente por agora, por isso estás bastante livre para entreter a Roxanne. — Piscou o olho quando se inclinou para o rapaz. — Jogaste outra vez contra a casa, Luke. Perdeste.

— Não sei que raios devo fazer com ela — resmungou Luke enquanto saía arrastadamente do palco. Lily suspirou devido à linguagem dele.

— Joga com ela — sugeriu-lhe. — E, querido, gostava muito que não praguejasses perto dela.

Está bem, pensou ele, e saiu da tenda sombria para a claridade do Sol. Não praguejaria perto dela. Rogar-lhe-ia pragas.

Abriu a porta da caravana e foi direito ao frigorífico. O impulso de olhar por cima do ombro enquanto escolhia uma bebida fresca ainda era forte. Luke estava sempre à espera de que aparecesse alguém de repente e lhe batesse por tirar comida.

Ninguém apareceu. Mas ele ainda se sentia um pouco envergonhado pelas atitudes que tivera durante a primeira semana com Max. Entrara um dia sozinho na caravana e encontrara uma grande tigela de esparguete que tinha

sobrado. Comera-o mesmo frio, empanturrando-se, com a memória de tantos dias de fome ainda bem presente.

Esperara ser castigado. Esperara que lhe dissessem que não poderia comer mais nada durante um dia ou dois. Como a mãe lhe fizera tantas vezes. Preparando-se para isso, escondera barritas doces e sanduíches na mochila.

Mas não fora castigado. Ninguém tocara no assunto.

Não querendo abusar da sorte, Luke enrolou um pedaço de pão em volta de carne que sobrara do almoço e engoliu a sanduíche improvisada antes de ir ter com Roxanne.

Moveu-se silenciosamente, outro hábito que desenvolvera por necessidade. Quando entrou no estreito vestíbulo, ouviu a balada manhosa *Bad, Bad Leroy Brown* de Jim Croce. Roxanne cantava acompanhando o rádio, acrescentando um melodioso soprano.

Divertido, Luke espreitou à porta. Ela estava deitada de costas a olhar para o teto enquanto o rádio tocava ao seu lado. Numa mesinha redonda perto da cama havia uma garrafa de sumo e um copo, alguns frascos de medicamentos e um baralho de cartas.

Alguém afixara pósteres nas paredes. A maioria era relacionada com magia, mas o de David Cassidy provocou náuseas a Luke. Só provava que as raparigas não tinham cura.

— Meu, aquilo é nojento!

Roxanne virou os olhos e viu-o. Quase sorriu, tão desesperada estava por diversão. — O que é que é nojento?

— Aquilo. — Apontou para o póster com a *Coca-Cola* que tinha na mão. — Pendurares aquele maricas na tua parede.

Satisfeito com a chacota, Luke bebeu a *Coca-Cola* enquanto a observava. A pele branca estava cheia de manchas avermelhadas. A cara também, o que Luke considerou *realmente* nojento. Interrogou-se como é que Lily e Max conseguiam suportar olhar para ela.

— Meu Deus! Estás toda cheia dessa porcaria, não estás? Pareces uma coisa saída do «Creature Feature»!

— A Lily diz que as manchas estão quase a desaparecer e que eu vou ficar linda.

— É *provável* que desapareçam — disse ele, tingindo a voz com dúvida suficiente para fazer a testa de Roxanne enrugar de preocupação. — Mas vais continuar feia.

Ela esqueceu-se completamente da terrível comichão na barriga e

sentou-se. — Espero pegar-te a varicela. Espero que fiques cheio de manchas. Até na tua pilinha.

Luke engasgou-se com a bebida e depois sorriu. — Grande azar. Eu já tive varicela. A varicela é para os bebés.

— Não sou um bebé. — Nada poderia tê-la enfurecido mais. Antes que Luke pudesse desviar-se, Roxanne levantou-se e atirou-se a ele de punhos cerrados. A garrafa de *Coca-Cola* voou pelos ares batendo na parede e espalhando a bebida por toda a parte. Teria sido divertido, de facto ele deixou escapar uma gargalhada antes de se lembrar de quão débil ela estava. Os braços dela pareciam pequenos paus de fósforo.

— Está bem, está bem. — Como percebeu que escapara por um triz com o ter desejado que ela morresse, não quis arriscar provocar-lhe algum ataque. — Não és um bebé. Agora volta para a cama.

— Estou farta da cama. — Mas entrou nela aos tropeções, impelida pelo abanão que ele lhe deu.

— Lindo. Olha para esta porcaria! Acho que vou ter de limpar isto.

— A culpa é tua — disse ela e, com um ar afetado, olhou determinada pela janela: a pose de uma velhota no corpo de uma criança. Sem parar de resmungar, Luke saiu para ir buscar um pano.

Depois de ele ter limpado tudo, ela continuou a ignorá-lo. No que tocava a estratégias, estava sempre inspirada.

Ele encontrava-se inquieto. — Olha, eu já retirei o que disse, não retirei?

Ela virou ligeiramente o rosto na direção dele, mas o gelo não derreteu.

— Estás arrependido de ter dito que eu era feia?

— Acho que podia ficar.

Silêncio.

— Sim, sim. Credo! Desculpa por ter dito que eras feia.

Um leve esboçar de sorriso. — E arrependes-te de teres dito que o David Cassidy era nojento.

Ele sorriu. — Nem pensar!

Ela sorriu em resposta. — Acho que não faz mal, já que és só um rapaz. — A pequena amostra de poder tinha sido agradável. Na esperança de o explorar mais, Roxanne alargou o sorriso. Mesmo aos oito anos, havia poder naquele sorriso. Afinal, era bem filha do seu pai. — Serves-me um pouco de sumo?

— Pode ser.

Ele despejou algum do jarro para o copo e entregou-lho.

— Não és muito conversador — disse ela um pouco depois.

— Tu falas de mais.

— Tenho muito para dizer. Toda a gente diz que sou muito inteligente. — Também estava horrivelmente aborrecida. — Podíamos fazer um jogo, se quisesses.

— Sou demasiado velho para jogos.

— Não, não és. O papá diz que nunca ninguém é. Por isso é que as pessoas são atraídas para o Monte de Três Cartas ou para o Copos e Bolas nas esquinas das ruas e perdem o seu dinheiro. — Ela percebeu a expressão de interesse no rosto dele e aproveitou. — Se jogares à Pesca comigo, ensino-te um truque com cartas.

Luke não chegara aos doze anos de idade sem saber como negociar. — Ensina-me o truque e depois eu jogo.

— Na-na-ni-na-não. — O sorriso dela era presunçoso, uma versão apenas ligeiramente mais jovem e inocente do de uma mulher que sabia que fisingara o homem. — Eu *mostro-te* o truque, e depois jogamos. Depois ensino-te como se faz.

Pegou no baralho que estava na mesa e espalhou-o em linha com uma perícia considerável. Surpreendido, Luke sentou-se na beira da cama e observou as mãos dela.

— Este chama-se Perdido e Achado. Escolhes uma carta qualquer que vejas e anuncia-la em voz alta.

— Grande truque se te estou a dizer qual é a carta — resmungou Luke. Mas quando ela espalhou de novo o baralho, ele escolheu o rei de espadas.

— Oh, não podes escolher essa carta — disse-lhe Roxanne.

— Porquê? Disseste qualquer carta que eu visse.

— Mas não podes ter visto o rei de espadas. Não está aqui. — A sorrir, ela virou as cartas outra vez e Luke ficou de boca aberta. Bolas, ele acabara de ver aquele rei! Como é que ela se livrara dele?

— Escondeste-a na mão.

O sorriso dela era largo e de satisfação. — Nada na manga — disse ela e, colocando o baralho no colo, levantou as mãos para mostrar que estavam vazias. — Podes escolher outra.

Desta vez, de olhos bem atentos, Luke escolheu o três de paus. Com um lento suspiro, Roxanne abanou a cabeça.

— Estás sempre a escolher cartas que não estão aqui. — Uma viragem lenta, e Luke viu que não só faltava o três como o rei estava de volta. Frustrado, tentou agarrar o baralho, mas Roxanne levantou-o acima da cabeça.

— Não acredito que seja um baralho normal.

— Não acreditar é o que torna a magia mágica. — Roxanne citou o pai com grande seriedade. Deu um corte rápido às cartas e depois espalhou-as sobre os lençóis viradas para cima. Fez um gesto com a mão para indicar que as duas cartas que Luke escolhera estavam entre as cinquenta e duas.

Ele bufou de irritação e deu-se por vencido. — Está bem, como é que fazes?

Sorrindo outra vez, ela executou uma inversão quase perfeita. — Primeiro, jogar à Pesca.

Ele poderia ter-lhe dito que fosse para o inferno. Mas mais do que mandar Roxanne pastar, Luke queria saber como é que o truque se fazia.

Depois de dois jogos de Pesca, ele relaxou o suficiente para ir preparar um lanche de bebidas frescas e bolachas.

— Agora vou mostrar-te — ofereceu-se Roxanne, satisfeita por ele não a ter pressionado. — Mas tens de jurar que nunca revelarás o segredo.

— Já fiz esse juramento.

Ela semicerrou os olhos. — Quando? A que propósito?

Ele podia ter mordido a língua. — No ensaio, há pouco — disse ele com relutância. — Estou a substituir-te até deixares de estar cheia de manchas.

Ela fez um beicinho. Lentamente, pegou nas cartas e começou a baralhá-las. Ajudava-a sempre a pensar quando fazia algo com as mãos. — Estás a substituir-me.

— O Max disse que sem ti havia um vazio no número. Eu estou a preenchê-lo. — Depois, com uma diplomacia que não sabia possuir, acrescentou: — Temporariamente. Foi o que disse o Max. Talvez apenas esta noite.

Depois de mais um momento de reflexão, ela concordou com a cabeça. — Se foi isso que disse o papá, está bem. Ele disse que se arrependia de ter dito que me ia substituir. Que nunca ninguém poderia substituir-me.

Luke não fazia ideia do que seria ser-se amado daquela forma ou ter aquela confiança. A inveja cravou-se-lhe no coração.

— O que tens de fazer é o seguinte — começou Roxanne, captando de novo a atenção dele. — Primeiro tens de dispor as cartas num monte. — Distribuiu dois montes e começou a ensiná-lo, com toda a paciência de uma professora de primeira classe que ensina um aluno a escrever o nome.

Executou o truque duas vezes, passo a passo, e depois entregou-lhe o baralho. — Tenta tu.

— Isto é fixe — murmurou ele.

— A magia é o máximo.

Quando ela sorriu, ele sorriu também. Pelo menos naquele momento eram simplesmente duas crianças com um bom segredo entre elas.